



---

## SEXTO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA (15/02/2004)

### 1ª lição (Antigo Testamento) - Jeremias 17.5-10

O profeta Jeremias viveu numa época atribulada entre o fim do reinado do Rei Josias (609 a 620 a.C.) e os primeiros anos do exílio das elites de Jerusalém na Babilônia após a destruição do Templo (587 a 582 a.C.). Esta foi uma época de extremos. Durante o reinado de Josias todas as representações de divindades que não fossem Javé tinham sido destruídas, seus santuários destruídos e seus sacerdotes e sacerdotisas expulsos ou mortos (cf. 2 Rs 23:4-14). Suprimiu também todos os santuários ao próprio Javé concentrando o culto exclusivamente no Templo de Jerusalém (1 Rs 23:15-20). Um destes lugares era Anatot, onde o pai de Jeremias era sacerdote (Jr 1:1). E isso adiantou? Não!

A ação inquisitória de Josias encheu de orgulho os Jerusalemitas que se achavam intocáveis e os únicos escolhidos por Deus a ponto de não temer ameaça alguma de inimigos estrangeiros ("pagãos"). No entanto foi tudo um grande engano, pois os cultos continuaram (mesmo proibidos) tanto em Jerusalém como em todo o território (Jr 7:16-20) e os sacerdotes de Jerusalém se importavam apenas com a solenidade do culto e ao mesmo tempo oprimiam e empobreciam o povo junto com as elites (Jr 8:10-11).

No texto deste domingo, Jeremias aponta para uma situação contraditória que tinha se instalado em Jerusalém. Os sacerdotes carregados de arrogância cultuavam a Deus mas confiavam mas neles mesmos ao ponto de não admitir a possibilidade de estarem errados e ter se afastado de Deus (Jr 17: 5-6). Estes não eram "ateus" mas eram os que se sentiam "exclusivamente escolhidos". Mas então como saber quem esta confiando em Javé? Olha para seus frutos, disse Jeremias (17:10). O que está produzindo sua atitude? Alegria? Paz? Amor? Ou tristeza, medo, injustiça e desolação?

Jesus enfrentou uma situação muito semelhante à de Jeremias já que Fariseus e Saduceus se diziam os verdadeiros seguidores da Lei e desprezavam os que nos se encaixavam nos seus rígidos padrões. Sempre prontos para condenar e sempre lentos para perdoar os fariseus, escribas e sacerdotes se escandalizavam com o fato de Jesus declarar "felizes" aqueles que a religião rígida tinha entristecido, empobrecido ou discriminado (Lc 6:20-23). (Humberto Maiztegui Gonçalves)



### 2ª leitura (Epístola) - I Coríntios 15.12-20

Conforme vimos na semana passada, a morte e a ressurreição de Cristo é profundamente importante para a existência da Igreja. Paulo, lembra-nos Käsemann, coloca o *kerigma* como algo inseparável do Jesus histórico. De forma que não há uma coisa sem a outra. E, ainda que discorde de J. Jeremias sobre a possibilidade de se chegar à *ipsissima verba* de Jesus, Käsemann ressalta que havia na Igreja primitiva a noção de que algo grande havia ocorrido na Páscoa.

Neste texto, Paulo dá continuidade a sua argumentação levantando três argumentos importantes para tentar corrigir os erros teológicos da Igreja em Corinto e reafirmar a importância da ressurreição. Esta argumentação pode ser vista na utilização de três dos seis "se" que aparecem no texto.

O primeiro "se" que destacamos aparece no verso 13. Paulo diz: "se não há ressurreição de mortos, então, Cristo não ressuscitou". A argumentação de Paulo parece bastante lógica. Se não é possível ressuscitar então Cristo não ressuscitou. Mas o que é ressurreição? Não é simplesmente retorno à esta vida espaço-temporal, pois a morte não foi anulada, mas vencida; não é simplesmente uma continuação desta vida espaço-temporal, entrar na eternidade é *romper* com estas categoria do espaço-tempo; ao ressuscitar Cristo entra no seu *eschaton*, na sua realidade inconcebível que não pode ser descrita como um *nada* mas antes como um *tudo*. É um domínio que transcende toda imaginação e que nos convoca ao risco para conquistá-lo.

O segundo "se" que destacamos aparece no verso 14. Para Paulo, "se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé". E ainda estamos em nossos pecados (v. 17) sendo tratados como escravos, por Deus. Segundo o apóstolo, se o domínio ou o império da morte prevaleceu sobre Cristo, então não há mais o que se fazer. Ele estaria perdendo seu tempo pregando uma fé em quem está sob o domínio da morte. E mais, a fé em um Cristo escravizado e aprisionado pelos grilhões da morte significa uma fé em um alvo inexistente. É uma não-fé. Não há mais escapatória para nós ou para a humanidade. Estamos todos perdidos e entregues à força da morte e da condenação.

O terceiro "se" que destacamos aparece no verso 19. Ele diz, "se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens". Sem a ressurreição todas as nossas esperanças se encerram na sepultura. Não há o que esperar, não há porque crer, nem pelo que lutar. Sem a crença na ressurreição a Igreja se transforma em um *clube social* de péssima qualidade ou, em um lugar de encontros, no domingo à noite. Nossas comunidades podem, agora, se entregar ao discurso do desespero, da morte e da angústia. Ou caímos em nós mesmos e nos



transformamos em seres decrépitos e sem esperança, ou nos tornamos cínicos apregoando uma mensagem que sabemos, de nada adianta.

Leloup, tentando dizer o que é ressurreição diz que: "se dermos à palavra *ressurreição* seu sentido primitivo de *anastasis*: *ana*, ou seja, 'para o alto', e *stasis*, 'colocar-se'; ou seja, 'colocar-se nas alturas', ou 'colocar-se na profundidade', 'colocar-se nessa outra dimensão' de si mesmo". Ressuscitar significa, pois, despertar para outra dimensão da vida que João chama de vida eterna. Não se aproxima deste assunto com a intenção de um estudioso ou de um expectador. Ou nos aproximamos como crentes ou jamais aceitaremos o plano de Deus. (Jorge Aquino).

### *Santo Evangelho - Lucas 6.17-26*

A narrativa mais extensa de Mateus tem relegado o sermão da planície de Lucas a um segundo plano. Mas essa versão merece ser escutada em sua originalidade. Após anunciar sua missão (cap.4), chamar os discípulos (5) e eleger os doze (6,12-16), os leitores ouvirão agora o ensino de Jesus. Esse ensinamento não é destinado somente aos discípulos (a Igreja) nem somente aos doze, mas a todo o povo; não é uma doutrina para iniciados, mas destina-se a todos os simpatizantes tanto do judaísmo como do paganismo. Todos estão ali para ouvi-lo (6.18)

Em Mt, as bem-aventuranças, até o cap. 10 estão redigidas na terceira pessoa, enquanto as de Lucas estão na segunda pessoa. Mateus destaca a inocência dos bem-aventurados, enquanto Lucas caracteriza-os por sua situação: pobreza, fome, tristeza e joga com a oposição presente-futuro. O texto de Lucas informa sobre a procedência dos ouvintes – toda Judéia (incluindo a Galiléia) e também a Síria (costa pagã de Tiro e Sidom). Esboça-se aqui o porvir da Igreja, formada por judeus e gentios, ou talvez a redação já reflita a diversidade das comunidades lucanas. Lucas omite os pormenores sobre costumes e leis judaicas bastante extenso em Mateus porque escreve para gentios e está mais preocupado em enfatizar a prática do amor, como traço distintivo do cristianismo.

6.17 - No cenário da planície estão Jesus e três grupos: os apóstolos, um grupo de discípulos e a multidão composta por judeus e pagãos. Esse povo estava ali para ouvir Jesus e ser curado.

6.20 - Lucas toma a palavra "pobre" em seu sentido primário – escassez de recursos materiais mínimos para uma sobrevivência digna. Os pobres são bem-aventurados porque no Reino de Deus a justiça prevalecerá e a reabilitação social dos pobres terá lugar – isso é vida. Jesus abençoa os pobres porque vivem em dois mundos (o presente e o futuro), enquanto os ricos



vivem só o presente. A ordem vindoura está sempre vindo e julgando a ordem atual, lutando contra ela. A riqueza do pobre está em esperar a ordem vindoura e se entregar a ela.

6.21-26 – Esses pobres “têm fome”, “choram” (lamentam sua situação) e são perseguidos “por causa do Filho do Homem”, ou seja, essa perseguição não é devido a atos ilícitos socialmente, mas por causa da identificação com Jesus. A eles se opõem os “ricos”, que vivem na situação oposta (estão saciados, riem e são bem-vistos e elogiados na sociedade). Jesus está mostrando aqui o que alguns chamam “luta de classes”. Ele não está inventando isso, mas revelando algo que existe e se posicionando em favor dos pobres. Lucas opõe os contrastes da vida social. Os ricos são os ricos reais que levam vida farta e satisfeita, graças à sua exploração do povo pobre. Lucas vê, portanto, uma relação estreita entre a existência dos ricos e dos pobres. Um não existe sem o outro. Mas por trás de todas as bem-aventuranças paira a teologia veterotestamentária do Deus consolador e libertador.

6.24 – “Ai” – não é uma condenação, mas uma expressão que denota forte sentimento de pena, uma espécie de queixa – “tereis vosso consolo” (a felicidade desses se resume em suas posses).

Qualquer leitura honesta da Bíblia revelará a preferência de Deus pelos pobres. Mas como ficamos nós, que não somos rigorosamente “pobres”? Afinal, por maiores que sejam as dificuldades econômicas que tenhamos na vida, muitos de nós pertenceriam ao que se chama “classe-média”. A palavra de Deus deve ser lida por nós como se fossemos os ricos, ou seja, contra nós, porque temos muitos compromissos que nos prendem a esse eon com uma força quase irresistível. Nós, que temos nossa refeição diária garantida, jamais podemos nos esquecer que isso é graça; nós que nos esforçamos por sermos pessoas bem-quistas na sociedade, não podemos nos esquecer de que “quando todas as pessoas falam bem de vós”, isso é sinal de que não estamos incomodando nem questionando o sistema... “da mesma maneira eram tratados os falsos profetas”. Em suma, Jesus está propondo, mesmo aos que não são pobres, que não se contentem com a situação de miséria e de injustiça na sociedade, mas procuremos nos inserir nos movimentos libertadores. (Carlos Eduardo Calvani)